

## HOMENAGEM

# THEOTONIO DOS SANTOS E A IMPORTÂNCIA DO PENSAMENTO CRÍTICO

**C**onheci Theo quando eu era presidente do Centro Acadêmico Livre de Economia (CALE) na UFSC. Talvez em 1980 ou 1981, não me recordo com precisão. A transição da ditadura para o sistema eleitoral democrático burguês levou a maioria dos intelectuais festejados ao apoio da chamada “transição democrática”, ou seja, transição sem eleições diretas, preservando não somente os crimes da ditadura, mas assegurando a continuidade da política econômica, especialmente o suculento negócio da dívida externa de contratação privada e estatizada pelo último general presidente. Theo – assim como Vania Bambirra e Ruy Mauro Marini – assumiu a crítica à esquerda. Importa dizer que, para as novas gerações, Theotônio dos Santos era um ilustre desconhecido, pois a massa estudantil nada sabia sobre ele; eu sabia de sua existência e importância porque comecei minha militância ligada às figuras remanescentes da POLOP, mais precisamente no MEP (Movimento de Emancipação do Proletariado). Portanto, na minha geração, eu era exceção, mesmo considerando que em 1982-1985 a ditadura já não prendia ou desaparecia alguém por militar no movimento estudantil. E claro: Theo não frequentava a USP nem a Unicamp, as duas instituições que gozaram de amplo apoio oficial e midiático. Tampouco tinha sido membro do CEBRAP, entidade financiada com os dólares estadunidenses, sob a batuta de FHC, que rendia audiência e consagrava reputação e autoridade acadêmica no interior das universidades.

### **NILDO OURIQUES**

Professor do Departamento de Economia e Relações Internacionais e presidente do Instituto de Estudos Latino-americanos (IELA) da Universidade Federal de Santa Catarina.

Curiosa situação: enquanto era muito prestigiado em todos os países latino-americanos, era também – na mesma medida – ignorado em seu próprio país. O prestígio intelectual e político, adquirido em longos anos de exílio, estava amparado em vasta obra teórica no interior do debate acerca da dependência latino-americana e os caminhos da revolução socialista. Em perspectiva, dois trabalhos são decisivos: *Socialismo ou fascismo: o novo caráter da dependência e o dilema latino-americano e Imperialismo e dependência*. O primeiro foi lançado ainda no Chile, em abril de 1972, e no México, em outubro de 1977, contando com pequenas e importantes atualizações. Este volume será lançado em português neste ano pela Coleção Pátria Grande, a biblioteca do pensamento crítico latino-americano, do IELA-UFSC. O segundo livro decisivo é *Imperialismo e dependência*, jamais traduzido ao português, cuja primeira edição é de 1978, no qual questões teóricas e históricas estão muito bem sustentadas e resistirão ao tempo. Estes dois volumes condensam um programa de pesquisa que poderia ser resumido no bordão “dependência e revolução”. Creio que também deve ser incluído nesta linha *Democracia e socialismo no capitalismo dependente* (1991), reunião de ensaios sobre distintos temas, numa clara tentativa de enfrentar a apologia da democracia liberal, dominante antes e após as eleições de 1989.

No entanto, estes livros não esgotam o interesse intelectual da vasta obra de Theotonio, porque mais tarde, na década de 1980, Theo investiu fundo na reflexão sobre a revolução científico-técnica que o marxismo europeu tinha produzido a partir da importante contribuição da Radovan Richta e de seu grupo na Tchecoslováquia. É importante registrar que tanto *Revolução científico-técnica e capitalismo contemporâneo*, quanto *Acumulação de capital e revolução científico-técnica* constituem tentativa bem lograda de articular o movimento do capital e a tecnologia como fundamento da análise do capitalismo contemporâneo. É óbvio que esta linha de pesquisa versava também sobre a dependência, uma vez que os efeitos da Revolução Científico-Técnica (RCT) sobre a periferia capitalista seriam – como agora podemos observar sem muito esforço – profundos. Neste enfoque, o melhor da tradição crítica da Teoria Marxista da Dependência aparece bem articulado com a teoria da RCT desenvolvida nos países socialistas como imperativo para superar as limitações produtivas e políticas no interior do socialismo do Leste Europeu.

Creio que esta primeira etapa de sua obra é imensamente importante e seguirá sendo vital por muitos anos, pois é reflexão profunda sobre o imperialismo, a dependência e os caminhos da revolução na América Latina. Num país

em que o conceito de imperialismo foi quase banido ou banalizado pelos partidos políticos com alcance eleitoral e, ainda pior, também praticamente ignorado pelos sindicatos – mesmo aqueles considerados combativos –, a obra de Theotonio seguirá atual. Ao contrário dos estudos publicados nos últimos quinze anos, todos orientados por humanismo generoso, certamente contrários à voga liberal que assolou o mundo, exibindo ainda moléculas do antigo programa de pesquisa baseado na tematização da dependência e do imperialismo, mas já orientados pelos estudos do que conhecemos como “sistema-mundo”, que não resistirão ao tempo. As tentativas de conciliar a teoria marxista da dependência com o enfoque do “sistema-mundo” não foram exitosas. Ora, um programa de pesquisa é sempre uma escolha política. Em qualquer época, é uma escolha política com implicações teóricas, e não ao contrário – uma escolha teórica com implicações políticas – como com frequência se pretende estabelecer.

Nas últimas décadas, a ofensiva do capital contra os interesses dos trabalhadores é, de fato, forte, e a resposta das classes subalternas não foi nada desprezível. Na América Latina, podemos afirmar que existiu, durante quase uma década, um forte movimento de massas, a emergência de governos nacionalistas e/ou reformistas de importância e, não menos decisivo, a erupção de nova correlação de forças

que demandavam um radicalismo político e forte mudança de orientação para a intelectualidade crítica. Nesta nova correlação de forças, o intelectual radical, aquele comprometido com a revolução social ou ainda com o reformismo, não estava isolado socialmente; ao contrário, a emergência deste movimento de massas exigia dos intelectuais respostas que os programas de pesquisa orientados pela estabilização econômica – a tradicional modernização impulsionada de fora para dentro e pactos políticos que garantiam paz social para as classes dominantes – já não podiam oferecer.

Em perspectiva histórica, é nesta conjuntura que Theotonio subalterniza os estudos que notabilizaram sua produção intelectual nas décadas de 1960 e 1970 e assume a ideia de que as teorias do “*world-system*” complementavam a teoria da dependência e, especialmente, a teoria marxista da dependência. O livro sobre o balanço da teoria da dependência (*Teoria da dependência: balanço e perspectivas*) evidencia grave retrocesso teórico e político e, em consequência, representa precisamente uma declaração de ruptura com o antigo programa de pesquisa que o tornou conhecido no mundo. Não seria a primeira vez que Theo dava demonstração de honestidade intelectual num país marcado pela submissão e pela pilantragem acadêmica, pois quando assumiu o PDT e a herança trabalhista, ele publicou *O caminho brasileiro para o socialismo*, livro que marcou a primeira ruptura

com a revolução socialista nos termos de sua elaboração nos anos 1960 e 1970. As condições impostas pela transição controlada pela FIESP e pela Embaixada de Washington criaram uma democracia restringida, na qual Leonel Brizola figurava como espécie de “elo perdido” da época em que as forças do nacional-reformismo estavam na ofensiva contra a classe dominante, dinâmica encerrada com o golpe de abril de 1964. De fato, Brizola, então governador no Rio de Janeiro, enfrentou à esquerda e a sua maneira a estratégia da transição democrática que implicava na esterilização da luta pela democracia no país. Na mesma medida, o antigo trabalhismo seria superado pelo “sindicalismo combativo” emergente no ABCD paulista, sob comando de Lula, e sem qualquer reconhecimento da importância do governo Jango e do nacionalismo reformista da tradição trabalhista. Lula mesmo somente reconheceu, retoricamente, a importância de Vargas, Jango e Brizola, quando ameaçado pela direita, na época do “mensalão”, com a possibilidade de destituição.

Em síntese, a reflexão crítica sobre o imperialismo e a dependência dos anos 60 e 70 do século passado cede espaço para os escritos sobre a hegemonia e a emergência de uma (nova) *civilização planetária*, que marcam seus escritos neste século.

As indicações acima não desmerecem a obra de Theotonio dos Santos; ao contrário, tudo que

seguramente ele não aprovaria seria o registro laudatório de seu labor teórico e sua prática política. As opções teóricas que todos assumimos estão marcadas pela luta de classes e Theo travou, com as armas de que dispunha, o combate contra o “neoliberalismo”. O domínio acadêmico sobre os intelectuais não é força desprezível e, ao contrário de outros países latino-americanos, nossas “cabeças pensantes” são quase que exclusivamente de extração universitária. Ora, nos últimos anos, o isolamento social das universidades foi levado às últimas consequências – como demonstram a publicação de artigos e o padrão de produtividade dominante no ensino superior –, fato que não somente tornou a vida intelectual mais miserável, como também influenciou, de maneira direta, sindicatos e partidos de esquerda. Nestes, o desprezo pela teoria é marca dominante e resultado necessário do domínio petista por mais de uma década. A nota sonante entre os trabalhadores era – e ainda permanece – o combate contra o neoliberalismo e o sentido de “ser esquerda” estava confinado à luta pela justiça social. Enfim, tanto a dependência e o subdesenvolvimento desapareceram do horizonte teórico e político dos trabalhadores e de suas organizações como emergiu nas filas da esquerda uma cínica digestão moral da pobreza, cuja função era ensaiar cidadania aos explorados e oprimidos por meio de políticas públicas destinadas somente a mitigar os efeitos certamente tão perversos

quanto necessários da superexploração da força de trabalho.

Portanto, a longa evolução teórica e política de Theo deve ser compreendida neste contexto, e não como um drama individual, mas, ao contrário, por meio dos condicionamentos sociais aos quais estamos todos submetidos agora que ele não está mais entre nós. Eu sei da angústia paciente que Theotônio guardou durante anos observando a derrota intelectual e política que sua geração sofreu com o golpe de 1964. Um exilado na própria pátria é bordão adequado para expressar aquela condição que ele, Ruy Mauro Marini, Vania Bambirra, Alberto Guerreiro Ramos, José Leite Lopes e tantos outros suportaram durante anos, não mais num regime militar, mas, precisamente, nas condições de um país democrático. Não me iludo: somente a hegemonia liberal – de esquerda e direita – poderia supor e aceitar os termos do debate nas ciências sociais durante as últimas décadas. Neste contexto, retomar o debate sobre a dependência e o subdesenvolvimento e, mais importante, sobre a Revolução Brasileira, nunca foi tarefa fácil, pois implica em navegar contra a maré e assumir as virtudes da solidão inevitável. No entanto, impossível ocultar que Theotônio observou com alegria, satisfação e, arrisco dizer, uma pequena ponta de revanche, a retomada daquele programa de pesquisa que orientou a parte mais importante de sua obra, quando as novas gerações, no impulso que

nascia precisamente do aprofundamento da dependência e do subdesenvolvimento produzido por governos tucanos ou petistas, retomaram com força a antiga senda crítica, não somente orientada pelo reconhecimento, mas, sobretudo, destinado à ampliação dos estudos sobre a teoria marxista da dependência como caminho para fortalecer a crítica e dar vitalidade às ciências sociais no Brasil.

O Brasil vive uma crise sem precedentes. As classes dominantes não possuem meios para “renovar a democracia” e melhorar o sistema político nos limites da ordem burguesa; tampouco possuem um programa econômico capaz de enfrentar a força da lei do valor em escala mundial, razão pela qual apenas simulam lágrimas de crocodilo diante de sua marginalidade crescente no terreno comercial, industrial, financeiro e científico-técnico. Em consequência, todas as frações burguesas atuam na direção de assaltar o Estado com mais força e declarar uma guerra de classes contra os trabalhadores. A política burguesa exhibe agora, com clareza e sem vacilação, seu caráter de classe, eliminando assim todas as ilusões de redimir milhões da pobreza, da exploração e da violência na luta no interior do Estado burguês. A dependência e o subdesenvolvimento aprofundam-se de maneira jamais observada e o desenvolvimentismo (velho ou novo) não passa de ideologia destinada a paralisar a comunidade de vítimas que cada dia aumenta diante de nossos olhos.

É, na linguagem corrente, o fim da época dos pactos entre as classes sociais. Otimista incorrigível, Theotonio não desistiria: posso apenas imaginá-lo afirmando que o período abre novas possibilidades de alianças internacionais e exige amplitude na luta no interior dos Estados nacionais. Não compartilharia desta concepção, mas certamente estaríamos, neste caso, golpeando juntos e, eventualmente, marchando separados. E, claro, contra seus argumentos, sempre apresentados com infinita paciência e de maneira exaustiva, eu não deixaria jamais de recordar algumas lições e contribuições teóricas que ele próprio nos ensinou em sua vasta obra. Também agora, nesta conversa imaginária, estou certo que poderia contar sempre com a generosidade que ele sempre exibiu na recepção da crítica política e teórica das novas gerações.